

Mãe Viva

MUNICÍPIO DE ESPINHO
BIBLIOTECA MUNICIPAL

Director: NUNO BARBOSA

SEMANÁRIO

ANO VIII N.º 387 — PREÇO 15\$00 — 26/4/84

ESPINHO



1984

**DEZ ANOS
DE
LIBERDADE**

**QUE É
FEITO
DO MÊS
DE ABRIL?**



Que é feito do sol de Abril
Que nos circulou pelas veias?
Que é feito das ruas cheias
quando o sol era um balão
e andava tudo ao contrário
as estátuas vinham ao chão
e o sonho era o nosso horário?

Que é feito do mês do sonho
quando o sonho era concreto
e tinha forma de casas
portas abertas
e pão,
quando o sonho que sonhámos
era um filho colectivo
parido pela multidão!

Foi então
num país
de repente sem fronteira
foi a feira
a desgarrada
foi o espanto dos abraços
na arquitectura sem margem
duma terra a conquistar.
Foi um país que acordou
com planícies no olhar
e a concertina a tocar
dentro do peito.

Que é feito do mês de Abril?

Soldados a quem dissemos
amigos eh! pá irmãos
operários que descobriram
um espaço para além das mãos
e as mulheres trabalhadeiras
que rasgaram seus vestidos
para as bandeiras de alegria
com que Abril foi envolvido.

Que é feito do mês de Abril?

Foi um país impaciente
que de pé se quis em flor
foi o riso das guitarras
cansadas de choro e dor
foi a alegria fabril
foi a força da razão.

Não esqueças o mês de Abril!
Não esqueças que és multidão!

JOSÉ FANHA

VIVA O 25 DE ABRIL !

RASCUNHOS

Sob a batuta bem humorada de uma das raras figuras das nossas rádio e televisão, que dá pelo nome de Carlos Cruz, todas as segundas-feiras o «tífo» dos vídeos sofre e goza com as vicissitudes dos concorrentes do já popular «Um, dois, três». A ideia não é original mas nem por isso pode dizer-se que se não esteja a ajustar ao nosso modo de ser e que até não esteja uns furos acima da chateza normal das produções televisivas nacionais. Com mais ou menos defeitos e qualidades a grande maioria destes concursos populares da erre-tê-pê, ainda constituem das coisas mais agradáveis que podemos ver-nos entrar em casa e faladas em português de Portugal.

Ainda não consegui ver um destes programas desde o princípio ao fim pois entre o «um» e o «três» há um «dois» que coincidia com a gostosíssima «Gabriela», que continuou a agradar mesmo apesar de ser trizada e lhe serem conhecidos, de cor e salteado, todos os pormenores. Os tais dois terços a que tenho tido acesso têm-me agradado, sem me levar ao entusiasmo nem à desilusão, daí o parecer-me que são um bom entretenimento em que nem tudo se perde como pode acontecer aos concorrentes mais ambiciosos.

Na primeira fase das eliminatórias tripartidas há sempre uma série de perguntas mais

ou menos interessantes, todas bastante superficiais que os competidores enfrentam de modo não muito bilhante. Verifica-se que, afinal, muitos portugueses (porque três pares não podem ser o retrato autêntico dos nossos milhões) sofrem de uma ignorância muito lastimável a respeito de tudo, até daquilo em que parecíamos mais fortes, o futebol. Eles falham na Divisão a que pertencem os clubes do biqueiro na bola, eles falham nas capitais europeias, eles falham até nos comensinhos utensílios da bateria doméstica. E, se se vai à literatura, aí, então, o panorama é desolador. Com aqueles olhos que lêem os jornais, aqueles ouvidos que ouvem a rádio, vi e ouvi um par, por acaso muito bem disposto, ser incapaz de dizer um único título da vastíssima obra de um dos monstros das letras portuguesas — Aquilino Ribeiro. Fica-me a esperança na geração que agora está ainda quase de cueiros, pois um meu primito, de quatro anitos de fresca data, foi capaz de dizer ao pai que, ele, ele sabia dois nomes: «A Raposa» e «Quando os lobos uivam». O primeiro, lera-lho a avó; o segundo vira ele anunciar na própria televisão a que está sempre atento e onde reconhece tudo, até o Dr. Mário Soares.

Carlos P. Morais

«RESPOSTA À LINHA»

1.ª série chegou ao fim — Sorteio em Maio

Com a pergunta que fizemos, pelo telefone, na passada 6.ª feira, chegamos ao fim da 1.ª série do nosso Concurso. Pergunta que versava o tema «Política Nacional» e que queria, muito simplesmente, saber o nome do primeiro Ministro português, após o 25 de Abril de 1974. Após três chamadas com respostas erradas, surgiu o vencedor da última sessão — Rui Carvalho e Costa, de Silvalde, sócio n.º 1584 da Nascente, que respondeu correctamente — Adelino da Palma Carlos.

CONVITE AOS VENCEDORES

Terminada a 1.ª série do «Resposta à Linha» aqui deixamos o convite aos nossos leitores premiados para estarem presentes na nossa Redacção, 6.ª feira, dia 4 de Maio, para assistirem ao sorteio final de um magnífico relógio de quartzo, oferta da Ourivesaria Confiança. São eles os seguintes. Maria Esmeralda Marques da Silva, Alberto Manuel Lirio, Vitor Hugo Damasceno, Márcia Marques da Silva, Manuel Fernando Morais, Ilda Ferreira da Silva e Rui Carvalho e Costa. Apareçam, vencedores, no dia 4, às 21,30 na Redacção do «Maré Viva», rua 62 n.º 251. E, quem sabe, o relógio poderá ser vosso, nessa noite!

O prémio a atribuir ao vencedor de cada sessão semanal do concurso «Resposta à Linha» é um livro, oferta do

CENTRO LIVREIRO DA COOP. NASCENTE

O prémio final da 1.ª série do concurso, a sortear entre os vencedores que houver de oito sessões, (uma por cada 6.ª feira, a começar em 2/3/84) é

UM RELÓGIO DE PULSO DE QUARTZO NO VALOR DE 5.000\$00

oferta da

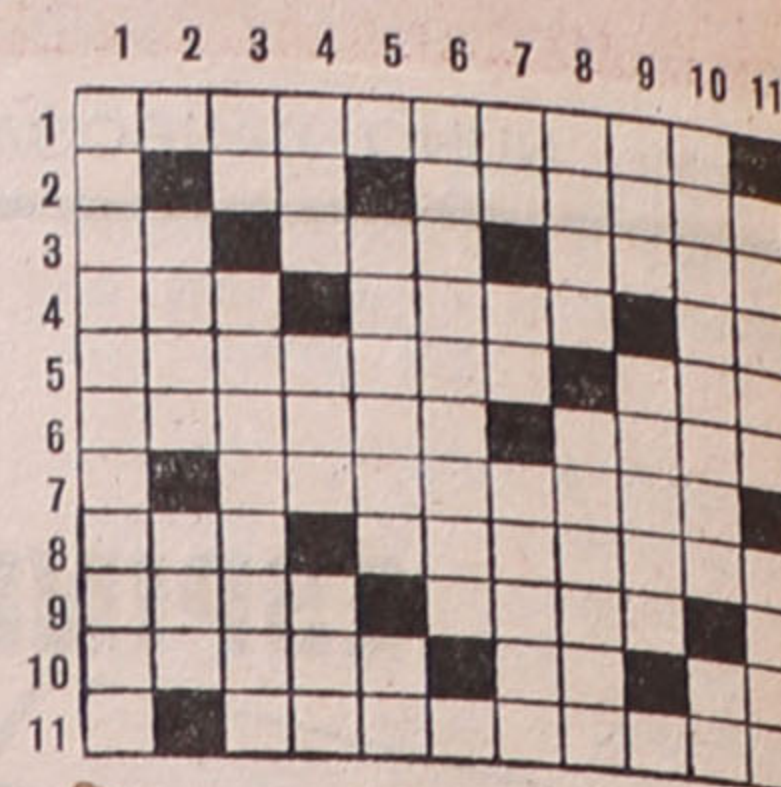
OURIVESARIA CONFIANÇA

Joalheria — Ouro — Relógios de Pulso e bolso — Relógios de mesa e parede — pratos — casquinhas Topázio

Rua 19 n.º 307 Telef. 720369 4500 ESPINHO



N.º 65



HORIZONTAIS

1 — Funciona mal coração com esta insuficiência de contracção. 2 — Advérbio de lugar; é-o o pavão que faz roda com a cauda. 3 — Este não tem ninguém; o crente fá-lo ao seu Deus; é uma bela praia nortenha. 4 — Esta está bem fundo; há-as de leite e secas; a este diz o roto para se vestir. 5 — Quem pratica este desporto tem que se molhar; no meio das cloacas. 6 — São precisos para lavrar a terra; é um pequeno golpe. 7 — São dispositivos eléctricos. 8 — É uma canseira; é preciso que o façam ao trigo do joio. 9 — Pô-lo na ferida é tocar o ponto fraco; toda a criança precisa dele. 10 — Este cheira a quando das trovoadas; rio costeiro francês; com outro faz um par. 11 — Apelara.

VERTICAIS

1 — Eram assim as armas e os barões. 2 — É o símbolo dos destruidores de bibliotecas; aqui se foi o Infante Santo. 3 — Uma apaixonante; há calçado que o tem e também o que não tem. 4 — Meio imoral; somo; um inglês. 5 — Estão caras as do gado e também as das gentes; sim provençal. 6 — Conspirassem. 7 — Alternativa; a ele; preparar com suco de papoilas. 8 — Antigo reino asiático; por arames. 9 — Começa assim a inferioridade; oprimo. 10 — Recordasse; aqui nasceu o Abraão. 11 — Planta das margens do Douro; bebida sagrada dos Arias.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 64

HORIZONTAIS: 1 — Espondilose. 2 — Uis, amuo. 3 — Desculpa, RP. 4 — Eta, lie, cor. 5 — Só, starda. 6 — Persianas. 7 — Tropa, on, os. 8 — Aclama, erro. 9 — Orais, ate. 10 — As, arruaças. 11 — Siar, arcas.

VERTICAIS: 1 — Desatadas. 2 — Suetto, rc, si. 3 — Pisa, pelo. 4 — Osc, separar. 5 — Ultramar. 6 — Dálias, Aira. 7 — Império, sur. 8 — Lua, dane, AC. 9 — Óó, Can, raça. 10 — Ró, aortas. 11 — Expressões.

FARMÁCIAS

Quinta — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 720250
Sexta — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 720320
Sábado — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 720092
Domingo — Teixeira — Av. 8 Centro Comercial - Tel. 720352
Segunda — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 720331
Terça — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 720250
Quarta — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 720320

RIFAS DA NASCENTE

31.ª SEMANA — 19/4/84

625 — 5.000\$00 — Maria Estrela Almeida
025 — 400\$00 — Hernâni Alves Silva
125 — 400\$00 — Amélia Lopes
225 — 400\$00 — Iolanda Sales
325 — 400\$00 — Turespinho
425 — 400\$00 — Félix Portilho
525 — 400\$00 — Mário Magalhães
725 — 400\$00 — Manuel Francisco A. Sá
825 — 400\$00 — José Almeida
925 — 400\$00 — Maria Manuela Gomes

FERNANDO RODRIGUES LIMA

TRAVESSA DA RUA 5

TRASEIRAS DA GARAGEM SOUSA — TELEF. 721739

Distribuidor dos papeis COLOWALL com nova colecção para 1983/84 acabada de sair, VIMURA, PARÊTA, PARATI, etc. Pavimentos para cozinhas e casa de banho, Alcatifas, etc.

ORÇAMENTOS GRÁTIS

Páscoa e a "invasão espanhola"

Como já é habitual na quadra da Páscoa, as nossas ruas foram «invadidas» pelos turistas espanhóis. Aproveitando o fim-de-semana alargado e, ao mesmo tempo, esquivando-se ao encerramento do comércio em Espanha, encontram aqui o que procuram. Sendo na sua maioria galegos, esta zona atrai-os pelo que atrás ficou dito e muito especialmente pelo contiguidade com o seu território. Mas a lista de determinantes não fica por aí. Para a conhecermos, fomos falar com eles.

Daniel Ortiz, de Pontevedra: «Costumo aproveitar a semana da Páscoa para vir a Portugal, pois sempre se varia, e depois conhecem-se sempre coisas novas. Além disso, o comércio está aberto».

Antonio Gómez, Bayona: «Gosto muito desta zona, come-se muito bem aqui, o tempo está melhor aqui, e é pela mudança de ares».

Maria Ovejero, Vigo: «Venho essencialmente fazer compras e pela praia, enfim, arejar um bocadinho com a família. O que se compra em Portugal? Quase tudo, desde carteiras a calçado, toalhas, tudo o que for de couro, etc.».

Não sendo uma recolha exhaustiva já nos dá uma ideia da razão da vinda de tantos espanhóis, do que os faz «correr a Portugal» num tão curto espaço de tempo.

Casa MARRETA

Pedro da Silva Lopes

Especializada em:

Arroz de marisco, Lulas, Enguias, Caldeiradas, Açorda de peixe, Bons vinhos
Rua 2 n.º 1355 — ESPINHO
Telef. 720091

Depósito Legal 2048/83

CHEFE DE REDACÇÃO — Jorge Lopo
REDACTORES — Carlos Fresta, David Pontes, Francisco Lopes, João Barrosa, Manuel Fonseca e A. Moreira da Costa
REPORTAGEM FOTOGRAFICA — José Oliveira
COLABORADORES — Carlos P. Morais
PAGINAÇÃO — Augusto Mota, João Barrosa e Manuel Fonseca
CORRESPONDENTES — Antero Monteiro (S. P. de Oleiros), Antenor Pereira (Silvalde), António Pinto (Moselos), Henrique Ribeiro (V. Feira), Henrique Sil (Anta), Joaquim Devesas (S. Félix da Marinha) e Manuel Santos (Guetim)
Propriedade da Nascente — Coop. de Acção Cultural — Redacção: Rua 62, 251 - Telef. 721621
Composição e impressão: Tipografia Meneses — Cooperativa Gráfica de Espinho, S. C. R. L.
Rua 14 n.º 903 — Telef. 721016
Tiragem deste número: 2000 ex.

maré viva

SEMANÁRIO

Director: NUNO BARBOSA

Milton Pinho
Glória Rodrigues

SOLICITADORES

RUA 28 N.º 583 - R/C
TELEF. 720584

1.ª SEMANA DE FOTOGRAFIA DE ESPINHO

O "flash" de uma iniciativa ímpar

Foi uma semana de convívio com a arte de fixar a luz, com a fotografia artística. Um programa diversificado, em que aconteceram filmes, debates, um diaporama e muito convívio. Para muitos dos que visitaram a exposição patente ao público no salão da piscina, terá sido o primeiro contacto com a fotografia concebida como objecto de arte. Portanto, também um acto cultural.

Foi a 1.ª Semana de Fotografia da Cooperativa Nascente.

O CONCURSO

A opinião foi unânime. O le, que constituído pelos trabalhos mais representativos dos 55 fotógrafos amadores que participaram no concurso desta 1.ª Semana de Fotografia asseguraram, por si só, uma exposição de qualidade assinalável. Foram assim satisfeitas e até ultrapassadas as expectativas geradas em torno da iniciativa, expectativas essas que se estenderam para além da cidade, para ganharem merecida dimensão nacional.

José Tigre, Judith Rodrigues e António Martins viriam a obter respectivamente o 1.º, 2.º e 3.º prémios em fotografia a cores, tendo o último alcançado simultaneamente o prémio destinado aos concor-

rentes mais jovens. Gostámos particularmente do trabalho de Judith Rodrigues, pela sua força expressiva.

No «preto e branco» o 1.º e 3.º prémios foram para Eduardo Soares, tendo o 2.º prémio sido atribuído a Abílio Vieira.

O Juri, integrado por Cassil da Bicho, Manuel Duran, José Cruz, Alberto Pinho (que, por lapso, não mencionámos na última edição do nosso jornal pelo que aqui apresentamos as nossas desculpas) e Nilza Ferreira, teve concerteza alguma dificuldade na atribuição dos prémios. Do conjunto dos trabalhos expostos no âmbito do concurso, salientamos «Raízes» de Teresa Maria, pelo inteligente aproveitamento do contraste entre texturas diversas,

obtendo um conjunto equilibrado e, sobretudo, «Ao Amanhecer» de Joaquim Aurélio: trata-se de uma fotografia só possível de obter a partir de um grande sentido de oportunidade e que consegue aliar a beleza estética da cor e da forma à carga emotiva da expressão simbólica da realidade que traduz. Para nós, o melhor trabalho a concurso, tendo aliás sido distinguido pelo júri com uma das menções honrosas atribuídas.

PRESENCAS EXTRA CONCURSO

Para além do concurso, a exposição patente na piscina contou com a colaboração enriquecedora de oito fotógrafos profissionais, já consagrados no campo específico da fotografia artística.

Assim, Eduardo Gageiro apresentou-nos as suas fotografias, em que a figura humana surge plena de expressividade nas suas alegrias e tristezas, na sua emotividade. Nas suas composições, as formas estão presentes num equilíbrio perfeito, obtendo-se um conjunto que é também o testemunho eficaz das situações que retrata.

continua na página 6

DE 6 A 13 DE MAIO

ECOFIL está de volta

No passado dia 18, a Associação Cultural e Recreativa de Espinho, apresentou à comunicação social o programa da ECOFIL — Semana do Filme Ecológico, que decorrerá no salão da Piscina, de 6 a 13 de Maio próximo.

Com 3 anos de existência, o ACRE, tem por objectivo a prática de desporto amador não competitivo, o recreio e a cultural em geral.

Composta essencialmente por jovens, a sua actividade é de momento a publicação de um boletim que tem uma distribuição regular, uma secção de campismo e a realização da ECOFIL.

Durante uma semana passarão pelo Salão da Piscina cerca de 2000 alunos das escolas do concelho e ainda de Esmo-

riz, para visitar a exposição permanente e participar nos colóquios que serão orientados por especialistas nos diversos temas, que vão desde a Defesa das Florestas, Higiene e Limpeza da Cidade, Energia Solar, Arquitectura Alternativa e Defesa da Vida Selvagem.

A finalizar a ECOFIL haverá um colóquio subordinado ao tema «Energia Nuclear, Energia Alternativa», para o qual estão convidados representantes de todos os partidos com representação na Câmara e Assembleia Municipal.

Para além do que já foi enumerado haverá visitas guiadas à Quinta Biológica do Núcleo Português de Estudo e Protecção da Vida Selvagem, na cidade do Porto e à Barrinha de Esmoriz.

De 27/4 a 3/5

«48 HORAS»

M/ 12 anos

Para recapturar um criminoso evadido da prisão, um experiente polícia obtém a liberdade provisória, por quarenta e oito horas, de um ex-cúmplice do fugitivo. A colaboração, aparentemente impossível, vem a estabelecer-se e a dar origem a uma amizade. Este o argumento deste filme de Walter Hill, que conta com Nick Nolte e Eddie Murphy nos principais papéis. Crítica social, humor e alguma violência, bem doseada, aconselham o espectador potencial a ver este filme. Sem esperar grandes voos, claro...



Mais uma vez, e sem culpas da nossa parte, induzimos os nossos leitores em erro. Devido a alteração de última hora, o filme que esteve no écran do Casino não foi «Quatro amigos» como estava primitivamente anunciado, mas sim «Afrodite». Do lapso, a que somos totalmente alheios, aqui ficam as nossas desculpas.

Rui Abrantes

ADVOGADO

Rua 18 n.º 582-1.º Esq.

Sala 3

Telef. 723811 — ESPINHO

ESTA CIDADE

CAPTURADO POR ROUBO DE MOTORIZADA

Rui Jorge da Silva foi capturado no passado dia 14, por ter furtado uma motorizada pertencente a Florentino Ramos Santos, quando esta se encontrava estacionada na rua 14. A

policia em posteriores investigações veio também a verificar que o Rui foi também o autor do assalto a uma fábrica de malha da Idanha em Anta, efectuada na noite de 13 para 14.

CAMIÕES TIR ATRAVESSAM A CIDADE

Se considerarmos que a rua 33 fica no interior da cidade, os camiões TIR ao serviço do terminal de contentores existentes em terrenos da CP, ao contrário do que nos informaram há semanas atrás, atravessam mesmo a cidade. E afirmamos isto, porque presenciámos. Também podemos dizer por outro lado que, com uma manobra tão difícil de fazer, poucas alternativas restarão para os condutores destes camiões e a

sua passagem pela artéria referida irá ser uma constante. O problema, esse está na localização da entrada e saída para o terminal que deveria estar situada mais a sul e de forma a possibilitar a saída dos camiões em direcção à Av. João de Deus. No entanto o aviso aqui fica porque ainda se está a tempo de evitar o que aconteceu quando das obras de defesa da costa — ruas completamente esburacadas.

FERIDO GRAVE EM ACIDENTE DE VIAÇÃO

Armando Castro Soares, residente em Lamas, ficou gravemente ferido em consequência de um acidente de viação registado no passado dia 15, no cruzamento das ruas 18 e 19. Armando Soares seguia na sua mo-

torizada quando foi embater numa viatura, conduzida por António da Silva Brito, morador em Espinho. Foi primeiro socorrido no hospital de Espinho, tendo em seguida sido transportado o St.º António no Porto.

RECOLHA DO LIXO TARDIA...

...aconteceu no passado fim de semana de Páscoa com o feriado de sexta-feira. Foram dois dias em que o lixo não foi recolhido e em que, tal como parece sempre acontecer nestas alturas, as pessoas tiveram mais lixo para depejar. Os contentores não aguentaram e à sua volta quase que se encontrava mais lixo do que

no seu interior. De qualquer forma, a situação ficou regularizada no domingo quando se procedeu à sua recolha. Mas, o que aconteceu, avisa-os que dois dias sem recolha de lixo já afectam grandemente a cidade e deverá ser um problema a encarar pelos responsáveis autárquicos em futuras ocasiões semelhantes.

CDS REALIZA ASSEMBLEIA GERAL

Realizou-se no passado dia 13, a 1.ª Assembleia Geral de militantes do CDS após a eleição dos seus actuais dirigentes. Nesta assembleia, «a mais participada de sempre na vida do CDS de Espinho» foi feita a análise da situação interna do partido, tendo sido deliberado por unanimidade, o pagamento das cotas

desde Janeiro do corrente ano.

A assembleia terminaria com um pedido para que todos os militantes «por si pensassem no perfil Moral, Humano e Social do futuro candidato a Presidente da Câmara a apresentar pelo CDS nas próximas Eleições Autárquicas».

Restaurante ■ Snack-Bar

O PADRINHO

Av. 24 n.º 697 — Telef. 720665
ESPINHO

ESPECIALIDADES DA CASA:

- | | |
|----------------------------|--------------------------|
| — Bacalhau à Santa Eulália | — Tripas à moda do Porto |
| — Arroz de marisco | — Cozido à Portuguesa |
| — Cabrito assado | — Caldeirada de cabrito |
| — Rojões à Lavrador | — Chispe à Transmontana |

APRECIE O NOSSO FESTIVAL DE SOBREMESAS!

GRANDE SALÃO PARA BANQUETES

ENCERRAMOS AS TERÇAS-FEIRAS
PARA DESCANSO DO PESSOAL



Maré Viva O SEU JORNAL

Abril e a Cidade

Dez anos a viver poesia

A MARCHA DOS SONHOS

Vamos fazer tudo de novo. Assim pensávamos na altura, pelo menos. Recorde-me de olhar a cidade e tentar imaginar o que ela seria daí a dez anos. Porque tinha começado uma revolução, uma revolução a sério, que povoava o nosso pensamento de um mundo de sonhos e recusas. Mas imaginar a cidade daí a dez anos era coisa difícil, de tal forma vivíamos mergulhados no universo vertiginoso de quem alarga fronteiras todos os dias, de quem estende os seus próprios sonhos muito para além de todas as convenções, tornadas moribundas pelo ritmo da vontade.

Depois, veio Novembro, a névoa dos recuos, a operação dolorosa de lançar raízes, de aceitar a dimensão de uma nova conjuntura onde, mais que criar, era preciso defender a beleza da nossa ingenuidade em barricadas amargas contra o desânimo.

Entretanto, os anos passaram e atingiram rapidamente a cifra simbólica da dezena sem que se desse por isso. Dez anos em que muita coisa mudou num país sangrado pela guerra, asfixiado pelos ídolos poirentos da ordem anacrónica a justificarem o massacre das ideias nas celas de Caxias. Com o país mudou a cidade, talvez de um modo diferente do que esperávamos, talvez a um outro ritmo, talvez com mais dificuldades e

mais energia gasta em as vencer. Alterou-se a fisionomia da cidade, alteraram-se as mentalidades, a forma de a encarar. Alterou-se a relação entre a cidade e os que a habitam.

A MARCHA DAS COISAS

Novas cores, novas tonalidades invadiram as esquinas, quebraram hábitos de décadas, vestiram a cidade com roupas de rebeldia. Construíram-se casas e ruas, não tantas como seria preciso mas construíram-se. E muitas vezes aconteceu caber à cidade decidir do seu próprio destino, exigindo os seus direitos, dando forma a si própria, ultrapassando a burocracia emperrada das vias rotineiras da normalidade instituída. A cidade conheceu greves, viveu o abalo telúrico das exigências viscerais quando elas encheram a rua de gritos incontroláveis, capazes de derrubar as paredes mais sólidas.

E a cidade conheceu o encanto das suas pequenas conquistas: aqui um lavadouro, ali uma rede de água e esgotos, acolá um sítio que ficou mais limpo porque agora há contentores para o lixo e, mais além, um lugar em que todos os dias se faz cultura sem as amputações idiotas da censura ou os condicionamentos impostos pelo poder.

Com o tempo, a cidade cresceu, chamou a si responsabilidades, adquiriu o direito de

escolher o seu caminho. Aprendeu também que os sonhos sonhados na embriaguez mágica dos dias de Abril, pertencem à categoria das utopias que podem ser realidade, mas que, para isso, é preciso vencer barreiras, derrubar obstáculos, numa palavra, trilhar as sendas da luta. Porque a cidade conheceu também o sabor da derrota, a tristeza de se sentir vendida a interesses alheios, de se ver mergulhada na linguagem tortuosa das justificações bizarras de quem defende o seu bolso com valores pensamente retirados dos sotões do tempo.

OUTRA VEZ O SONHO

Dez anos depois de Abril a cidade modificou-se até aos seus alicerces. E isto que é urgente tornar claro, a base verdadeira que permite olhar em frente e esboçar um sorriso carregado de esperança nos dias que não-de vir. E por isso que há quem tente fazer esquecer a cidade antes de Abril, o padrão transparente do que a nossa vontade foi capaz de erguer a partir da herança azeda de um regime arruinado. Só em dez anos.

Um tempo curto em que a liberdade encheu as ruas e nos entrou pelos pulmões dentro, com o ar que respiramos doze vezes em cada minuto. Sofregamente, como tudo o que é vital.

J. B.



Um 25 de Abril visto pela Juventude

Era uma manhã de nevoeiro, à entrada da Ponte da Arrábida os chaimites e os homens vestidos de verde manchavam a manhã com um grito de esperança.

Foi assim que começou para mim a madrugada de 25 de Abril de 74, para mim e para muitos que como eu tinham por volta dos 7 anos: começou inocentemente. Do fascismo tínhamos umas raras imagens, queixas, palavras murmuradas, sangue, fantochadas governativas, visões dum passado que para nós começava a ficar cada vez mais distante. Eramos uma geração a nascer nova para a manhã dos cravos.

Estava à vista um tempo novo, mesmo não o sabendo explicar havia qualquer coisa de novo no ar, sentíamos a animação, a vontade de participar. Portugal tinha vindo ao nosso encontro e pela primeira vez abriamos o seu destino. Mudança era palavra chave, foi tempo das brigadas de trabalho, das grandes manifestações, das comissões de moradores e de trabalhadores, das associações de estudantes, de toda uma participação que nos fazia pensar como senhores de nós mesmos e do nosso país. A um tempo de retensão tinha-se seguido o tempo da liberdade, tudo havia mudado um pouco e aparecia aos poucos uma juventude activa que acreditava que valia na ver-

C. F.

dade apenas mudar e que mudança não era uma palavra vã.

Mas os tempos foram mudando e aos poucos e poucos chegamos a 1984, 10 anos passados e aquele passado que julgamos tão distante, assolá-nos em vagas cada vez mais avassaladoras. Aquela juventude empreendedora sucedeu a juventude do desalento, uma juventude de «laissez faire, laissez passer».

Os senhores desse passado retornaram e fazem todos os possíveis para que nos esqueçamos dele e do próprio presente que poderíamos erguer, programam o nosso futuro, e as paredes crescem à nossa volta, enquanto as janelas que julgamos nossas nos escapam. O nosso destino é cada vez menos nosso.

Do 25 de Abril ficou apenas para muitos a lembrança do passado de algo cada vez menos coerente com o presente, eles próprios desistiram a meio quando as dificuldades surgiram, para outros e felizmente ainda somos alguns o 25 de Abril não é uma data para comemorar em suprema hipocrisia, mas sim algo a atingir, algo bem vivo no presente, que com a nossa rebeldia e a nossa vontade podemos alcançar nem que para isso seja preciso deixar cair tudo à nossa volta e fazer outra revolução.

D. P.

Festejar Abril...

O 25 de Abril é sem dúvida uma data polémica. Enquanto que uns o queriam vivido dia-a-dia, outros procuram tenazmente esquecê-lo. São esses que presentemente estão no poder e a sua actuação é deliberada e decidida no sentido de o apagar tanto da nossa memória como do nosso quotidiano. Os respeitáveis e os ministros já o dizem publicamente, e fazem-no, e nós apercebemo-nos disso todos os dias em que as conquistas dos trabalhadores — as nossas conquistas — são cerceadas.

Muitas pessoas atacam essa que devia ser a nossa data nacional apoiando-se nas crescentes dificuldades que afligem a nossa população. Foram os preços que sofreram uma subida desenfreada, foi o aumento do desemprego, foram os sucessivos «apertar o cinto». No fundo, vive-se pior agora.

No entanto, a revolução sur-

giu para inverter as injustiças — que não eram poucas — do fascismo. Que aconteceu então? O que aconteceu foi que os partidos da direita recuperaram o poder, numa mirabolante manobra que de certo ainda levará muito tempo a compreender.

Eu tenho a minha visão própria do 25 de Abril. Que se vive agora em condições materiais piores, é um facto. Mas a revolução não foi só isso, e ela não foi nem nunca será uma perda — nem se amanhã se reimplantasse o fascismo, aliás o corolário das actuais tendências, deste governo e de alguns «governados» deste país.

O que o 25 de Abril nos trouxe não foi pouco. Foi a liberdade, a liberdade de expressão que permite que existam jornais como o nosso, a possibilidade de lutarmos pelos nossos interesses (e cada

vez temos que lutar mais por eles). trouxe-nos a liberdade de associação, por fim, a de morrerem no Tarrafal. Acabou com a carnificina das colónias. E trouxe-nos mais, pensamento por que tantos muito mais do que nos apercebemos. Já não se lembram disto?

A mim não me interessa por quem foi feito, porque foi feito. O importante realmente é que foi feito, e é o 25 de Abril em si que é representativo e decisivo para a evolução (abortada) que se seguiu.

Não foi perfeito — a prova é a situação actual. Foi o que se pode fazer. Além disso, lembrem-se que, mormente as vossas boas intenções, não foram vocês que o fizeram. foram eles, que tão humanos são.

E isso ninguém devia esquecer.

C. F.

Café
Grill
Snack - Bar

GREICE

Rua 62 n.º 730 — ESPINHO

Visite-nos e será n/ Cliente

FONSECA
TECIDOS
MODAS

Rua 19 n.º 275 Tel. 720413

ESPINHO

Casa especializada em artigos para Noivas
Acompanhantes, Comunhões, Lingerie e Pré-Mamã

ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — Telef. 724203 — ESPINHO

Imprensa

A esperança de Abril
continua

«Habitado a puxar da estante todas as tardes o impresso da Censura — uma folheta, com três colunas, para numeração dos telegramas (guilhotinados) das agências Reuter/France Presse/ANI, no dia 5 de Maio de 1974, dez dias depois do desencadeamento da Revolução, ainda puxei do papelete do registo, e joguei-o na secretária. Os colegas de Secção do Estrangeiro soltaram rumorejantes risadas: «Oh, pá! Já não há coroneis!». Havia capitães. Liberdade de Imprensa.

César Príncipe, in «Os segredos da Censura»

Os coroneis, sempre os coroneis. Em Portugal, antes de Abril de 74 eram os capadotes da Imprensa, ou pelo menos da Imprensa incómoda para o fascismo. No Brasil, eles ainda existem, depois de terem sido televisionados, dum modo mais ou menos caricato para as novelas de tipo «Gabriela» ou «O bem-amado». Sempre a força repressiva contra tudo o que seja minimamente similar à palavra mais bonita do mundo — Liberdade. Liberdade que está na origem de outras tantas palavras de igual beleza, tais como Amor, Amizade, etc.

Mas é da Imprensa e do 25 de Abril, ou dos 10 vinte e cinco de Abril que agora (apesar de tudo) comemoramos, que vos quero dizer alguma coisa. Não muita, mas sentida, pelo menos para mim.

FALAR DE LIBERDADE É DIFÍCIL

Paradoxalmente é. Muito mais o é quando dela se fala quando ela é vivida. Porque, em termos de Imprensa, hoje, dez anos volvidos, ainda vai existindo a possibilidade de escrever, mais ou menos, aqui-

lo que se pensa, conscientemente. Mas é duro falar de Liberdade de Imprensa, quando esta está caída vez mais enfeudada a uma forma demasiado compartimentada, sob o ponto de vista partidário. Infelizmente, a realidade é esta: é muito raro, nos tempos que correm, um alinhamento ideológico da Imprensa portuguesa. Nomeadamente em relação à esquerda, a partidarização pulveriza uma frente de combate que deveria ser muito mais valorizada e em redor da qual todas as forças tinham a «obrigação» de se unirem. No entanto, os «bunkers» informativos, teimosamente, mantêm-se, enquanto que a direita, com hábitos ancestralmente adquiridos, continua organizada e, fatalmente, sem qualidade, ou quando muito, de qualidade extremamente duvidosa.

UM PERCURSO DURO

Desde o 25 de Abril até hoje, a Imprensa Portuguesa tem trilhado um caminho erizado de dificuldades. Habitada à leitura das entrelinhas ou à bajulação rastejante dos próceres fascistas, ela teve

uma espécie de duche gelado com o Movimento dos Capitães. Abanadas profundamente as estruturas, a Imprensa teve um crescimento mais quantitativo que qualitativo, nos primeiros tempos post-revolucionário. Era a euforia da Liberdade, o gozo de não mais ter de imprimir na primeira página a odiosa frase «Visado pela Comissão de Censura!» Mas a proliferação de títulos constituía também um perigo para a democracia — o fascismo mal enterrado via na criação de novos jornais a forma mais eficaz e menos perigosa de manter a vida latente.

Depois, durante estes dez anos de vida de um Abril que, lentamente, se vai esfumando para um Março triste, a Imprensa com I maiúsculo tem resistido estoicamente, apesar das investidas de toda a ordem de que tem sido alvo, providas de várias origens. Na realidade, é difícil hoje escrever em Portugal, mesmo que seja nos Jornais regionais: os compromissos sujos avolumam-se, a repressão com capa democrática aumenta, com a conseqüente diminuição da qualidade.

No entanto, através dos longos anos da sua existência, a Imprensa tem resistido, corajosamente, a ventos e marés. Daí a justificada esperança na continuidade do nosso trabalho, dez anos volvidos sobre a luz do 25 de Abril.

N. B.

CANTAR
ABRIL,
DE
NOVO!

EM ABRIL
CONQUISTAMOS A LIBERDADE
E SAIMOS A RUA COM CRAVOS DE SAUDADE
DOS QUE FICARAM PELO CAMINHO.
GRITAMOS A VERDADE
DA MORDAÇA MAIS ODIOSA
QUE NOS ACORRENTAVA A RAZÃO.

EM ABRIL
DISSEMOS NÃO
E RASGAMOS COM FIRMEZA
AS LEIS DA OPRESSÃO.
FIZEMO-NOS UMA SO VOZ
E PELA PRIMEIRA VEZ
QUEM DECIDIU FOMOS NOS.

MAS ABRIL
TINHA INIMIGOS
QUE CAMINHAVAM AO NOSSO LADO.
GENTE À PROCURA DE AMBIÇÕES
QUE EM ABRIL NÃO ENCONTRAVAM.
PONTAS DE LANÇA DOS PATRÕES
QUE CONTRA ABRIL CONSPIRAVAM

E EM CADA ABRIL QUE PASSOU
VENCEMOS A INJÚRIA E O ÓDIO
COM QUE QUISERAM
CAUSAR-NOS DANOS.
NOS SABEMOS PARA ONDE VAMOS
NÃO NOS PERDEMOS NO LODO.

EM CADA ABRIL QUE PASSA
CANTAMOS ABRIL DE NOVO.

F. L.

O 25 de Abril
e a economia

É sabido que até ao 25 de Abril os sectores básicos da economia estavam nas mãos das chamadas «famílias» deste país. Em finais da década de 60 a corrida às acções da bolsa fizeram canalizar as pequenas poupanças dos portugueses para acorrer ao desenvolvimento industrial do país. Tal corrida desenfreada levaria Marcelo Caetano a encerrá-la.

NO PRINCÍPIO
A ESPERANÇA

Com o desenrolar dos acontecimentos posteriores à ma-

drugada de 25 de Abril, surge o 11 de Março de 1975, em que as principais empresas industriais, banca, seguros foram nacionalizadas.

Enquanto, os partidos discutem se se deveria ou não nacionalizar, a resolução do Conselho da Revolução é tomada às 7 horas da tarde e, já noite adentro, as dúvidas ainda eram grandes para alguns. No entanto, na manhã seguinte à nacionalização da banca os mais rententes eram os primeiros a apoiá-la. Até

continua na página 8

Cultura de Abril

Um longo caminho
a percorrer

Dez anos foi efectivamente o tempo passado. Dez anos, que nos possibilitaram muitas voltas à volta de quem somos, e não queremos ficar por aí. Cada um, olhou para o mar que quis, debruçou-se sobre a janela que escolheu, navegou ao sabor de ventos que o fustigaram. Foi o tempo, esse tempo que torna a imobilidade das coisas em coisa móvel, quanto mais não seja no envelhecimento ou na deterioração, que me postou aqui a escrever sobre uma das migalhas gigantescas que o 25 de Abril nos trouxe na sua viagem entre duas fronteiras, A Cultura. E eu, escusado será dizer, dos dois lados dessa fronteira, escolhi aquele que se estende por todo o nosso país depois de uma manhã

de 74. Não fiquei, pois, estupidamente petrificado em qualquer ponto intermédio ou em qualquer viagem com bilhete de ida e volta.

Esse tal bilhete de ida e volta, que no tempo presente nos querem impôr na área que me propus tratar. Um regresso, que está bem patente naquilo que hoje se oferece ao povo português como produto acabado. Mas, onde é que as pessoas podem estar com algo que se possa classificar, nunca em termos rígidos, como cultura?

Num país em que o preço dos livros, ou dos discos, ou dos espectáculos, ou... não nos dá qualquer opção de escolha entre aquilo que se tem de ingerir para a sobrevivência quotidiana, entre aquilo que se

tem de «envergar» para abrigar o corpo do frio e o que, suposta e erradamente, ainda se considera supérfluo, a cultura, a maioria nem sequer chega a interrogar-se, apenas afirma. — «que se lixe lá a cultura que não nos dá nada». Depois, depois de tudo isto e tendo em conta que para aqueles que vivem fora dos grandes centros urbanos o panorama é ainda menos animador (palavras como descentralização cultural, apoios dignos desse nome ou existência de salas, foram esperanças vãs apesar do tempo), poderá restar apenas, e não numa apreciação exageradamente pessimista, para mal dos nossos pecados, a televi-

continua na página 8

Abril e a Saúde

Prognóstico reservado

Muitas mudanças trouxe o 25 de Abril à nossa sociedade, tão importantes para nós, enquanto nação portuguesa. Muitas delas foram apagadas do nosso quotidiano, pela recuperação dos vencidos nessa gloriosa aurora de Libertação, pela traição de quem se arvorou em defensor da grei e pela nossa própria tibieza em defendê-las.

Alguns traços da nossa vida colectiva nem sequer foram tocados pelos ventos de mudança de Abril. Entre eles está a Saúde dos portugueses. Algumas tentativas foram

feitas, mas todas foram votadas ao fracasso. Uma como o Serviço Médico à Periferia, iniciativa de grande valor, que levou a Saúde pela primeira vez a muita gente, fracassaram pois não passavam de soluções provisórias e de recurso. Outras como o tímido Serviço Nacional de Saúde, porque iam frontalmente contra os interesses de quem tinha na Saúde a sua coutada inesgotável.

Chegámos ao cúmulo da degradação com as taxas mode-

continua na página 8

Bombeiros em Espinho

JRS — Eu posso informar que neste momento estou a fazer o relatório sobre o Parque de Campismo da Solverde, a mando da Câmara Municipal.

MV — Mas o Parque de Campismo da Solverde já funciona há um ano. Os bombeiros não tomaram logo conhecimento das condições de segurança?

JM — O Parque de Campismo tem um sistema montado, talvez um pouco precário. Mas só agora fomos chamados a fiscalizar.

JRS — Nós também temos sido solicitados para essa tarefa. Mas há aqui uma situação difícil de resolver. Nós não podemos mandar deitar as coisas abaixo depois de elas estarem construídas. Por isso na nossa acção nem sempre é compreendida.

Eu entendia que quando as pessoas pedissem uma licença ela só fosse concedida mediante o cumprimento dos requisitos previstos na lei. Não é deixar construir e depois mandar deitar abaixo!

MV — Quer dizer que aos bombeiros reservam a parte melindrosa do problema?

JM — Claro. Temos de fazer o papel de quem impõe quando a lei não somos nós que a fazemos. Os bombeiros andam com a mãozinha a pedir hoje e amanhã a impôr aqueles que nos dão!

MV — Existem alguns exemplos de construções dentro da cidade sem condições de segurança?

JM — Drogarias, por exemplo. Quantas há em Espinho? Só uma foi vistoriada. São obrigadas a possuir uma caixa forte para água-ráz, benzina, acetona, etc. Qual delas a têm?

MV — Então podemos considerar Espinho uma cidade sem condições de segurança?

JM — Absolutamente, em muita coisa.

JRS — Temos zonas boas e más. Temos a sorte de mais ou menos 70% da cidade ser

composta por prédios relativamente baixos. Agora começam a aparecer prédios mais altos.

A lista de casos anormais e com falta de segurança é extensa. Oficinas, armazéns, casas comerciais, casas nocturnas, armazenamentos de garrafas de gás, etc.

Podemos concluir que em mais aspectos do que seria de esperar, Espinho não oferece condições de segurança.

O que aconteceu na Fábrica Fontes pode servir de alerta. Ao lado estava outra fábrica com dinamite lá dentro; a seguir a Sinograte que dois dias antes tinha metido lá 6.000 litros de benzina.

E SE HOVER UM CASO GRAVE?

Esperemos que tal coisa nunca aconteça. Mas é sempre bom saber com que meios contamos para a eventualidade de surgir uma situação inesperada e de grandes proporções.

Demos aos comandantes das duas corporações três hipóteses:

- Incêndio no Aparthotel, a partir do 8.º piso;
- Naufrágio junto à costa;
- Acidente ferroviário na zona urbana.

JRS — Em todos os sinistros de fogo as duas corporações actuam sempre juntas. Quanto ao naufrágio, temos dois ZEBRE (barcos de salvamento). Nós temos poucos meios. Nem sequer uma espingarda lança cabos possuímos. Mas estamos perto dos Bombeiros da Aguda e dos Portuenses, preparados para essas situações. Temos também o carro da Junta de Freguesia de Paramos, preparado para socorros a naufragos.

Num acidente ferroviário de grandes proporções temos as viaturas de desencarceramento, oito nove ambulâncias de imediato e serviço médico que conseguiremos montar rapidamente. Isto numa fase inicial. Depois contrariamos com o

continuação da última página

apoio das corporações que estão mais perto.

MV — Mas os bombeiros tem algum plano montado para uma situação de emergência?

JRS — Temos ligações rádio para todas as corporações. Não há plano. Há sim o procedimento quotidiano: as duas corporações avançam sempre.

JM — Um bombeiro nunca faz planos. As coisas nunca acontecem como se planeiam. Mas por exemplo, no caso de um acidente ferroviário, temos um gerador que dá luz a 11 holofotes. Havendo necessidade de apoio de outras corporações, estabelecia-se um comando único.

MV — E quanto a um possível incêndio no Aparthotel?

JRS — A disposição do edifício por patamares facilita o atendimento. No entanto, de via existir uma escada exterior já que o elevador central se não deve usar. Também não conhecemos as características interiores do edifício. Nem de que materiais são forrados os interiores.

JM — Eu também não sei qual o sistema de construção nem de prevenção de incêndios... E a auto-escada não vai além do 7.º piso.

Uma incógnita aquele edifício! Aliás, o próprio Casino não fugirá à regra. Da boite ninguém sabe nada; a saída de emergência do cinema dá para o interior (!) e no restaurante a saída de emergência inicial dava para a cozinha!

Mesmo assim, o caso não seria tão perigoso por se tratar de um edifício baixo com muitas janelas. O pânico nas pessoas que lá se encontrassem seria o inimigo número um.

UMA SÓ CORPORAÇÃO SERIA MELHOR...?

Para terminar esta conversa não quisemos deixar de levan-



Bombeiros — Duas corporações activas para uma cidade

tar aos nossos entrevistados uma questão que provavelmente já se terá colocado a muitos espinhenses.

Não pretendemos com isso uma tomada de posição mas apenas verificar se existe viabilidade de uma tal hipótese.

MV — Poderá pensar-se na possibilidade de uma unificação das duas corporações?

JRS — Isso é um assunto que abrangerá as direcções das Associações. Relativamente ao corpo activo não vejo inconvenientes nisso. De qualquer forma as razões que levaram à dissidência já não existem. Por outro lado, seria necessário criar uma nova estrutura.

JM — Não vejo solução para essa hipótese, não pelas rivalidades antigas, porque ho-

je é diferente, convivemos e actuamos em conjunto. Mas existe uma rivalidade actualmente, construtiva que faz com que cada corporação seja melhor que a outra!

A finalizar este nosso trabalho deixamos-vos ainda com a ideia que os actuais comandantes dos Bombeiros de Espinho e Espinhenses tem da existência de duas corporações na cidade.

— Com duas corporações, o serviço é melhor e serve melhor Espinho. —

No fundo, o importante é que a comunidade reconheça o justo valor daqueles que voluntariamente se dispõem a protegê-la.

Os bombeiros voluntários estão de facto na primeira linha desse grupo.

NADADORES SALVADORES

Os Bombeiros Voluntários de Espinho têm também um serviço de Nadadores-Salvadores que funciona na época balnear.

Composto por cerca de 35 elementos, jovens e em boa parte estudantes o serviço dispõe de dois botes Zebro e brevemente um terceiro e actuam com apoio de uma ambulância, patrulhando a zona que vai do Rio Largo até Paramos.

Muitos casos foram já atendidos por estes jovens

e vidas salvas. Felizmente, também a média de incidentes tem diminuído. E mais poderia diminuir se os banhistas prestassem mais atenção às regras de segurança na praia, nomeadamente o não tomar banho após as refeições.

Estes nadadores-salvadores voluntários tiraram um curso do Instituto de Socorros a Naufragos, entidade que fornece também o material para actuar.

1.ª Semana de Fotografia

continuação da página 3

De Pereira de Sousa, destacamos a série de fotografias «Rota do Volfrâmio», a imagem da ruína a sublinhar o efémero das situações, povoada de espectros do passado admiravelmente sugeridos pelos notáveis contrastes claro — escuro e pela escolha dos enquadramentos.

Com Fernando Timóteo penetramos no reinado do instântaneo a fixação oportuna da imagem momentânea a ser capaz de afirmar a situação que a gerou. Rostos que falam na sua imobilidade circunstancial de imagem fotográfica.

Bruno Neves apresenta-nos o quotidiano, aquilo que olhamos sem ver todos os dias. Mostra-nos também a importância da fotografia como documento de situações, tudo isto sem esquecer o rigor estético e a beleza da composição.

Uma outra linguagem nos fala Fernando Zeferino, que

levou à exposição um conjunto de trabalhos em que o jogo de texturas diferentes, por vezes contrastantes, alcança o equilíbrio da totalidade.

De Manuel Magalhães, ficou-nos sobretudo o conjunto de trabalhos em que o corpo se distancia de si próprio para adquirir uma dimensão que ultrapassa a sensibilidade em a excluir. Fez-nos lembrar os quadros de Rogério Amaral.

Nos trabalhos de Nuno Calvet, sobressai a importância da linha como algo capaz de definir espaços e conduzir a situações, quer ela exista por ela própria, quer definida pelos contrastes de luminosidade de texturas.

Finalmente Jorge Molder mostrou-se polémico perante o público. As suas fotografias de cadeiras falam-nos sobretudo da ausência, de tudo o que elas não mostram mas que são capazes de impor a quem para

elas olha. Cada trabalho é uma interrogação acerca de um tempo e de um espaço perdidos, em que a figura humana está dolorosamente ausente.

Para além de fotógrafos profissionais, a exposição integrou trabalhos da Nascente, em que foram patentes alguns aspectos da vida da cidade, do seu quotidiano, a apontarem o rumo de um trabalho que persiste em avançar, apesar das dificuldades.

INICIATIVAS PARALELAS

Mas a 1.ª Semana de Fotografia de Espinho não foi só a exposição. Assim, no dia 19 a reportagem fotográfica jornalística seria o tema de um colóquio que contou com a presença de Bruno Neves, Fernando Timóteo e Pereira de Sousa. Num ambiente informal, foram apontados alguns dos problemas com que se debate a profissão de fotógrafo, nomeadamente a ausência de um estatuto de salvaguarda as opções de qualidade daqueles profissionais. Foi também referido o desrespeito habitual de que os fotojornalistas são vítimas por parte

das forças policiais, que amiúde violam as leis de defesa de direito à informação, não raro usando da violência.

No sexta-feira foi a vez de apresentação de um conjunto de filmes obtidos graças à colaboração do Instituto Francês do Porto; de entre eles destacamos «Le Paris de Robert Doisneau», um trabalho sobre a fotografia de Paris do pós-guerra à actualidade, «Le miroir du papier» sobre os primeiros ensaios executados em papel fotográfico e «Brasset, o fotógrafo de Picasso», um filme sobre o conhecido autor responsável pela maioria das reproduções fotográficas da obra de Picasso.

Já no sábado foi a vez de Alberto Pinho, fotógrafo profissional estabelecido na nossa cidade e membro do júri do concurso, apresentar um interessante diaporama, de sua realização sobre a história de Espinho e as invasões do mar, concebido a partir de criteriosa documentação antiga sobre o assunto. Em seguida Alberto Pinho orientaria um colóquio em que se referiria às actuais desvantagens da profissionali-

zação no campo da fotografia. Subordinação da actividade e do gosto individual à vontade de terceiros, habitualmente sem qualquer preparação para julgar a qualidade do trabalho seria a pedra de toque do pensamento que Alberto Pinho desenvolveu durante o colóquio. Referiu-se ainda brevemente à importância da especialização do fotógrafo num tema a seu gosto e da capacidade inventiva do amador para a resolução dos problemas que se lhe deparam, constituindo esta última questão um vector indispensável ao desenvolvimento da fotografia como forma de expressão artística.

Assim, do passado dia 17 a 22 deste mês, a fotografia artística esteve presente em Espinho, numa iniciativa que soube ser interveniente e onde o convívio também aconteceu. Seis dias em que todos os que com ela contactaram, puderam adquirir conhecimentos, admirar a beleza dos trabalhos expostos. Uma iniciativa que se espera vir a ter continuidade e cuja verdadeira dimensão não pode ser ainda percebida.

MARÉ - RUA

25 DE ABRIL — 10 ANOS DEPOIS

Comemora-se este ano o décimo aniversário do 25 de Abril. As esperanças de toda a população foram sendo traídas pouco tempo após as grandes transformações operadas desde essa data. Hoje, em jeito de balanço, inquirimos algumas pessoas para nos dizer de viva voz o que pensam e como sentem o 25 de Abril. A crise companheira diária do discurso político e do quotidiano dos portugueses nem sempre deixa que cada opinião não seja marcada pelas dificuldades por todos sentidas. Para uns fica a lembrança, para outros a tentativa de ocupar os lugares perdidos. Será para tudo isto que o 25 de Abril serviu?

Ao fim de 10 anos de mudanças de governos e o aumento dos problemas dia a dia julgo que valeu a pena a mudança. Pena é que a disputa pelo poder tenha lançado às malvas tudo aquilo que o povo apoiou e conquistou com todas as dificuldades. Se verificarmos o que se tem passado nos últimos tempos, chegamos à conclusão que muitas promessas não foram cumpridas e continuam a desbaratar o pouco que conquistamos.

José Augusto Operário

Quando o 25 de Abril aconteceu tinha apenas oito anos. À medida que os anos foram passando apercebi-me de algumas razões que motivaram o 25 de Abril. Porém, julgo que

neste momento os problemas começam a ser maiores e não se vê ninguém com capacidade para os resolver. Por este andar onde iremos parar? O ensino é o caos que se sente e pouco ainda se fala. As condições económicas dos portugueses agravam-se. Enfim, julgo que de momento resiste-se às investidas do desespero. Espero que a situação se modifique para nós os jovens termos a certeza que o futuro nos oferecerá algo de diferente.

Maria José Estudante

O que sei é que cada vez estamos pior. O 25 de Abril fez-se para outros ocuparem os lugares bons para ganhar dinheiro deixando-nos nesta situação. Dizem que vamos ter

dias melhores e o que eu vejo é que cada vez estamos piores. Vou à praça e cada vez mais não consigo comprar o que preciso porque o dinheiro falta. Não há empregos. Não há casas para ninguém. Penso que as coisas não deveriam ser assim. Por outro lado, cada vez que um governo vai lá para cima diz que vai resolver os problemas e quando deixa o lugar cada vez estamos pior. Olhe, não sei onde vamos parar.

Maria de Lurdes Doméstica

Valeu a pena apesar de hoje termos chegado a esta situação. Podemos falar livremente, reunir e termos ideias diferentes. Por tudo isso valeu a pena. Longos foram os anos em que tínhamos de nos esconder. Hoje, corremos sérios riscos de voltarmos ao mesmo. Nem tudo foi mudado. Os reformados continuam mal e ninguém resolve estes problemas. Apenas temos cada vez mais promessas. Entretanto, vamos vivendo cada vez pior. Preocupa-me o facto de alguma juventude não aproveitar melhor as oportunidades para que eles não venham a conhecer os tempos que eu vivi.

António Domingues Reformado



Comemorações de 25 de Abril

PROGRAMA AINDA VAI PROSSEGUIR

Apesar de na altura em que redigimos esta notícia não nos ser ainda possível dar muitos pormenores de como decorreram as comemorações do 10.º aniversário da Revolução dos Cravos no Concelho de Espinho, uma coisa parece-nos desde já indelével; — elas revestiram-se de alguns aspectos bem particulares e, não obstante algumas vozes em contrário, tiveram um cariz eminentemente popular.

Assembleia Municipal — EDITAL

Sessão Pública de 27-4-84

José Augusto Ferreira de Campos, Presidente da Assembleia Municipal supra:

Faz público, de acordo com as disposições legais aplicáveis, que no próximo dia 27 de Abril de 1984 se realizará nos Paços do Concelho a 2.ª sessão ordinária desta assembleia, que versará a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Aprovação do novo Quadro de Pessoal do Sector dos Jardins e Arborização
- 2 — Constituição de uma Comissão de Trânsito de Apoio à Autarquia
- 3 — Eventual deliberação sobre a alteração da Postura de estacionamento dos Autocarros da Auto-Via-

- ção de Espinho, Lda. no ângulo das ruas 14 e 15
- 4 — Parecer desta Assembleia sobre o projecto de proposta de Lei do Regime de Rendas
- 5 — Aprovação do Relatório e Contas de gerência da Câmara e Serviços Municipalizados respeitantes ao ano de 1983

Para constar se publica este e outro de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo do concelho.

Espinho, aos 13 de Abril de 1984

O Presidente da Assembleia,

José Augusto Ferreira de Campos

PARA COMPRAR BOM CAFÉ

Casa ALVES RIBEIRO

Torrefactor de Café

ESTABELECIMENTO DE VENDA AO PÚBLICO

RUA 19 N.º 294

ESPINHO

Antenor Pereira

AGENCIA DE CONTRIBUINTES
CONTABILIDADE E CONTENCIOSO
MEDIADOR DE SEGUROS

Rua da Fonte - Silvalde — Tel. 723489 — ESPINHO

CAN-CAN II

BOITE PIANO BAR
DISCOTECA

O seu ponto de encontro
Bastante requinte para que se sinta bem, durante o seu Drink.

Aberto de 2.ª a 6.ª feira, das 21 às 02 horas
e às 6.ª feiras das 21 às 03 horas.

RUA 18 N.º 615 — TELEF. 723442 — E S P I N H O

NÓS E O LEITOR

Do nosso leitor A. Letra recebemos o poema «Flor de Abril» que passamos a publicar:

FLOR DE ABRIL

Uma flor em botão
vivia ao relento
em qualquer latão
Esperava um momento
já quase Verão
trazido pelo vento
que cheirava a pão

Em Abril se abriu
a flor do latão
Toda a gente a viu
a teve na mão

O tempo passou
a flor se fanou
Deixou a semente
na alma da gente

Os anos passando
conservo minha lança
Fica-me a fé
de ver lutando
fica-me a esperança
de morrer de pé.

António Letra

Manuel Correia
da Silva

ADVOGADO

Praça General Humberto Delgado, 287-4.º
Sala 46

Telefs. 23457 - 7641745
4000 PORTO

O 25 de Abril e a economia

ao 25 de Novembro aconteceu de tudo. Desde fuga pura e simples, abandono de empresas, etc., etc.

AS NUVENS COMEÇAM A APARECER NO HORIZONTE

Após esta data, a direita com a convicção do PS, ataca a Reforma Agrária, as empresas públicas é assunto que lembra da chegada de José Manuel de Melo à Lisnave pela mão de Mário Soares. Os ataques à Reforma Agrária que a Lei Barreto vai dar cobertura legal a toda a espécie de acontecimentos.

Entretanto, o boicote às empresas públicas é assunto que está na ordem do dia. A entrega de empresas aos patrões que muitos deixaram falidas, quer tecnológica, quer financeiramente. Cada governo que surge aponta a sua incapacidade de conduzir o país alegando que as empresas públicas são o cancro da economia. E a crise que importamos e consumimos, apenas será bode expiatório para dar cobertura à política de enfraquecimento do sector público. Com a chegada de Sá Carneiro ao poder, líder incontestado da AD, surge o rompimento de acordões com países com quem tínhamos normalizado as nossas relações comerciais e culturais. Por exemplo, a denúncia pública do acordo com a URSS entre os quais o de fornecimento de petróleo a Portugal, por aquele país.

Este acordo quadripartido foi celebrado entre Portugal, URSS, Venezuela e Cuba. Portugal comprava petróleo à Venezuela e Cuba à URSS. Depois deste acordo Portugal comprava à URSS e Cuba à Venezuela, em condições vantajosas para o nosso país. A factura é hoje bem latente. Isto, porque a administração americana boicotou uma série de coisas a propósito do Afeganistão. Os americanos fizeram barulho e nós potência sem crise cortamos coisas essenciais. Era Sá Carneiro, lembram-se?

PSD E CDS EM FORÇA RESULTA A AD — IMAGINAÇÃO E OS «FACTOS POLÍTICOS»

Com o governo AD institucionaliza-se o ataque a tudo o que é nacionalização. Os trabalhadores pagam cada vez mais impostos e têm direito a cada vez menos «Cabaz de Compras». Hoje nem compras, porque dinheiro não há para quem trabalha. A repressão instala-se na rua, por acção do governo AD contra os trabalhadores pela mão de Ângelo Correia. E aqui cabe lembrar a imaginária «insurreição dos pregos».

Enquanto, tudo se vai passando institucionaliza-se a cor-

rupção no aparelho de Estado, que o então Ministro da Agricultura reconhece existir no seu Ministério. E nos outros como seria?

As empresas vão sendo vendidas na Bolsa do Porto e Lisboa. Quem a compra são o capital nacional e estrangeiro. Não contentes com tudo isto, fazer aprovar quatro Leis para abertura de sectores que preferia a abertura da banca, seguros, cimentos e adubos à iniciativa privada, que foram recusados pelo Presidente da República e apoiado pelo PS.

Entretanto, a fuga de capitais para o estrangeiro é um facto que a imprensa internacional faz eco. Para Espanha, na altura do Campeonato do Mundo de Futebol, até à Suíça, paraíso dos capitais que vê os seus depósitos dos portugueses aumentarem em 1982.

Em contrapartida os encargos fiscais aos trabalhadores sobem em flecha, chegando ao ponto de serem retirados subsídios que o 25 de Abril deu a quem trabalha. O poder de compra para estes vai sendo cada vez menor.

A LUTA PELO PODER MINA A AD O MOVIMENTO POPULAR APRESSA A QUEDA

A perda do seu líder em circunstâncias ainda não esclarecidas para muitos portugueses, a perda das eleições presidenciais, lançam a AD em turbulenta e conflituosa luta pelo poder, entre o seus estados-maiores e cai na rua com a força do movimento popular.

Estamos perante eleições que darão ao parlamento poderes constituintes para efectuar a primeira revisão da constituição, tantas vezes pedida pela AD.

«DEMAGOGIA FEITA A MANEIRA»

Com um programa denominado «100 medidas para 100 dias», o PS apresenta-se ao eleitorado pedindo que lhe dê maioria absoluta para fazer a revisão constitucional. O povo não lhe dá mas vota no socialismo. Nessas medidas o PS diz que abre à iniciativa privada sectores como a banca, seguros e outras. No entanto, meses antes dizia que tal não era possível. Porém, no texto fundamental mantém a «irreversibilidade das nacionalizações». Enquanto, tudo isto se passa a banca espanhola ligada à «OPUS DEI» quer abrir agências em Portugal. Clara está que os americanos também desejam o mesmo e Rockefeller visita o primeiro ministro, visita esta que Mário Soares retribuiu quando da sua deslocação recente ao EUA. Se todo o panorama já é tão negro, a ele-

continuação da página 5

vem juntar-se a UGT que também quer um banco para os trabalhadores.

O panorama económico-social é desolador.

OS GRANDES PROJECTOS MARCAM PASSO

O projecto industrial de Sines não deu os resultados previstos. O Alqueva está parado para desgraça das gentes do Alentejo que não vê alguns dos seus problemas resolvidos. Qualquer dia será aproveitado para cenário de filmes de Hollywood. Na agricultura o panorama é preocupante. No Nordeste há batata que se estraga. Os produtores atiram-na para a estrada. De Norte a Sul do país o contrabando de gado é escândalo público. A tudo isto o governo responde com importação de batata e carne congelada.

No sector do comércio campeia o contrabando que entra por todos os lados possíveis e imaginários, chegando a ponto de o Secretário de Estado do Orçamento de um dos últimos governos presidir a uma operação Stop a camiões TIR.

A legislação laboral vai ser revista para atirar mais trabalhadores para o desemprego. A juventude está reservado um futuro pouco animador. A falta de emprego, a falta de habitação, a falta e condições básicas de saúde, são cancos do sistema que pela voz dos responsáveis vai ser resolvido para que os nossos filhos não tenham que nos acusar de nada termos feito por por eles. Só que os nossos filhos já são crescidos e continuam a não ter nada como nós.

Mas num país de lendas e estórias é fácil entreter o povo. Para tal, a vitamina 3F funciona para o dia-a-dia. E para os sonhadores o fantasma da CEE virá resolver todos os problemas.

Enquanto, tudo isto acontece continuam-se a importar bons carros, os grandes empresários enriquecem. Por seu turno os trabalhadores não recebem salários, passam fome e fala-se diariamente de tuberculose.

Ao comemorarmos 10 anos sobre o 25 de Abril, é tempo de reflectir naquilo que queremos uma vez que nem tudo está perdido. Pelo contrário, será pela conjugação de esforços que o futuro será diferente do presente, porque somos nós massa anónima que transformamos o MUNDO e que nele vivemos, não os heróis de ocasião. É tempo de acabar com o sebastianismo, porque o nevoeiro que nos lançam só aparece no Verão e tanto quanto regista o calendário Abril fica na Primavera da esperança.

M. F.

Cultura de Abril

continuação da página 5

são — esse veículo sem rodas que nos entra pela casa dentro. E como falar de televisão já nem vale a pena, falemos apenas na motivação que as pessoas poderiam ter para o que se lhes aparece-se como cultura. Mem, ma, como em tudo, e para usar um termo grato a muita gente, há sempre um círculo vicioso e dificilmente teremos saída no estado em que as coisas se apresentam actualmente. Porque falar de motivação quando se mete televisão ao barulho... não é tarefa fácil.

No entanto e apesar de tudo, há sempre a sombra, o que vai ficando através da luta desenfreada de destinos desencantados. A esperança. Embora chegando cada vez a menos gente, a cultura existe

e está bem viva. E pode-se acrescentar que, com o 25 de Abril, ela teve um novo fôlego e passou a estar mais perto daqueles, a quem a cultura deve servir — o povo. E o exemplo disso, são os numerosos grupos que surgiram em comissões de moradores, em empresas, cooperativas, grupos de teatro independentes, o aumento de produção cinematográfica ainda muito longe do desejável, o maior número de espectáculos de todo o género. Muito mais poderia ser enumerado, mas uma coisa também é certa: a cultura no nosso país, tem ainda um longo e difícil caminho a percorrer.

J. L.

Abril e a Saúde

continuação da página 5

radoras, que faziam aos portugueses pagar os desvarios dos seus (des)governantes. Hoje assistimos ao cúmulo de profissionais de saúde se verem confrontados com o espectro do desemprego, à desorganização total do Sistema (?) de Saúde, sem ninguém saber quem é o quê ou quem é quem...

Os portuguesas continuam a ter índices sanitários que os colocam ao nível dos piores países do terceiro mundo, morrendo entre nós ainda, ele-

vada percentagem de crianças com doenças infecciosas nos primeiros tempos de vida. As deficiências alimentares são ainda o comum de todos os dias.

O panorama não é, pois, nada animador. Continuamos a sofrer de inúmeros males, crónicos, e o que é pior, sem grandes perspectivas de melhoras. O prognóstico é, cada vez, mais reservado...

A. M. C.

LAVANDARIA LAVAR



A MAIS AVANÇADA TÉCNICA NA LIMPEZA E TRATAMENTO DO SEU VESTUÁRIO

Limpeza a seco — Lavagem e secagem de roupa branca, couros e antiflopes

SERVIÇO RÁPIDO

RIBEIRO, VALENTE & C.A., L^{DA}

RUA 12 N.º 640 — TELEF. 723704

ESPINHO

VALLY

PRONTO A VESTIR

VISITE-NOS

Ângulo das Ruas 19 (n.º 416) e 18 (n.º 580)

MODAS E CONFECÇÕES PARA HOMEM E SENHORA

Gomes & Gomes, Lda.

TELEF. 721237

Gerência de José Gomes

Auto-Branco

DE ARMANDO M. V BRANCO

Oficina de Reparações de Automóveis — COMPRA E VENDA Representante: Pneus CAMAC, Baterias, Peças, etc.

Pronto Socorro Permanente

Instalações:

Estrada de Anta — Telef. 723394 — 4500 ESPINHO

CAFÉ e RESTAURANTE COPÉLIA

Almoços e Jantares Serviço à lista

Especializado em Casamentos e Baptizados Grande Variedade de Petiscos

R. 23 n.º 808 - Tel. 723152 ESPINHO

VOLEIBOL

FASE FINAL DO NACIONAL

COMEÇA ESTE FIM DE SEMANA

A fase final do Campeonato Nacional de Voleibol, na categoria de seniores, arranca este fim de semana com a realização da primeira jornada no pavilhão do Esmoriz. Das quatro equipas que a disputarão, o SCE apresenta-se como sério candidato ao título, não tendo por certo a sua tarefa facilitada pelas restantes equipas: o Esmoriz, o Leixões e o Porto. No entanto, as aspirações são legítimas e a confiança dos responsáveis pela equipa aponta para isso mesmo. Ouvimos a esse respeito o chefe da secção, José D'Alte Pinho.

O campeonato realiza-se em três duplas jornadas, ou seja dois jogos para cada equipa em cada jornada, e estender-se-á por outros tantos fins de semana. A primeira jornada, que se disputará já no próximo sábado e domingo no pavilhão do Esmoriz, oporá ao 5 espinhense a equipa da casa e

o Porto. No fim de semana seguinte, dias 5 e 6, o SCE defrontará no seu pavilhão o Leixões e novamente o Esmoriz. Na derradeira jornada, disputada em Leixões a 12 e 13 de Maio, os «tigres» jogam com o Porto e com o Leixões. São seis jogos, em que a equipa do SCE tem de dar tudo por

tudo para manter bem vivas as suas aspirações até final do Campeonato. Mas vejamos qual a opinião de um dos seus dirigentes, José D'Alte Pinho. «Embora o Leixões tenha sido favorecido pelo sorteio ao disputar a última jornada no seu pavilhão a beneficiar do factor casa, estou convencido de que, se o Espinho jogar o Voleibol que jogou no Regional, é um sério candidato ao título». No entanto para que isso aconteça, terá que se defrontar com outras três boas equipas. «Sim, e embora eu pense que o Leixões e o Esmoriz tenham vantagem em casa devido às características dos seus pavilhões, julgo que mesmo assim o Espinho não vai desanimar». «Há de facto uma certa igualdade entre todas elas e o

facto da selecção nacional ter estado empenhada na Spring Cup vai prejudicar o nível desta fase final», diz-nos D'Alte Pinho, acrescentando ainda que «os jogadores sentem-se cansados e, por outro lado, veio fazer com que as equipas não treinassem completas». Recorde-se que o SCE contribuiu com dois dos seus melhores elementos, Filipe Vitó e Filipe Pereira, para a selecção nacional.

Por último e desejando desde já os melhores votos para a final, um apelo para «que os associados nos apoiem não só nos jogos realizados em casa mas também naqueles que se efectuarão fora. Aproveito também para dizer que os bilhetes para todos os jogos estarão à venda em data oportuna, na sede do clube».

BANCADA DE IMPRENSA

Esta semana, e contrariamente ao que é costume, esta coluna vai «às fatias». Não se trata duma mudança do «visual» em termos definitivos, mas antes uma variante ditada pelas circunstâncias...

1. O insulto aos árbitros depende da categoria em que eles estão inseridos e, passe a expressão, da «categoria» da assistência presente aos jogos que eles apitam. Vejamos o exemplo: um árbitro dos Regionais, apitando um encontro dos Regionais, com uma assistência dos Regionais, comete um erro. A mãezinha do juiz fica pelas ruas da amargura, o paizinho idem, ele, o árbitro, a mesma coisa.

Por causa da recente greve dos chamados árbitros de 1.º, o mesmo árbitro dos Regionais apita um jogo da Primeira Divisão e, faz precisamente a mesma asneira que lhe tinha valido, noutros tempos, insultos, pedradas, etc. Desta vez, recebe uma salva de palmas encorajadora e, no final toda a crítica diz que «coitado, até nem apitou mal, bem vê, é dos Regionais». Não há nada como ser voluntário.

2. Esta segunda fatia é só para inteligências iluminadas, bem formadas e atentas! com o curso completo de futebol à mesa do café. Quando uma equipa, seja ela qual fôr, em vias de despromoção, vê uma hipótese de se safar do «buraco negro», e quando se criam à volta do tal jogador-chave demasiadas expectativas, o que é que acontece se tudo isso vai por água abaixo? Pois, muito naturalmente, tem de se encontrar um bode expiatório. E o nome dele tem de ser enovilhado em todas as tertúlias cafezeiras...

Na realidade, o defeito de muita gente ligada a este negócio chamado Desporto é não saber fechar a boca quando nada tem a dizer.
Fim de fatias.

Calendário da Fase Final

1.ª JORNADA — Dias 28 e 29 em Esmoriz

- Jogo n.º 1 — Leixões — Porto às 16 horas
- > n.º 2 — Esmoriz — Espinho
- > n.º 3 — Esmoriz — Leixões às 17 horas
- > n.º 4 — Porto — Espinho

2.ª JORNADA — Dias 5 e 6 em Espinho

- Jogo n.º 5 — Espinho — Leixões às 16 horas
- > n.º 6 — Porto — Esmoriz
- > n.º 7 — Porto — Leixões às 17 horas
- > n.º 8 — Espinho — Esmoriz

3.ª JORNADA — Dias 12 e 13 em Leixões

- Jogo n.º 9 — Leixões — Esmoriz às 16 horas
- > n.º 10 — Porto — Espinho
- > n.º 11 — Leixões — Espinho às 17 horas
- > n.º 12 — Porto — Esmoriz

BENFICA, 6 - ESPINHO, 0

Tudo natural. Até o resultado!

Após goleadas maiores que a «meia dúzia» que o SCE levou na Luz (veja-se o caso do Braga e Guimarães), o resultado era de esperar. Afinal de contas, era o primeiro a jogar com o último...

A realidade é que a turma espinhense resistiu bem durante a primeira meia hora de jogo. A partir daí, a «porta» abriu-se e, foi o que se viu. Curioso é que, ao intervalo, com o resultado em 2-0, o técnico espinhense, numa forma corajosa, fez sair um médio (Carvalho) para entrar um avançado de raiz (Bábá). Mas o Benfica é... o Benfica e, nos últimos quarenta e cinco

minutos, Mendes foi quatro vezes ao fundo da baliza buscar a bola. Os dados estão lançados, e daqui até ao final do Campeonato resta ao SCE jogar o melhor que sabe para cair de cabeça erguida. E perder com o Benfica não deslustra ninguém...

Sob a arbitragem de Manuel Correia, do Funchal, o SCE jogou com:

Mendes; Vivas (Manuel Jorge, aos 73 m.) Valério, Serra e Raul; Carvalho (Bábá, aos 45 m.), José Augusto, Pinto da Rocha e David; Peters e Abel.
Cartões — Amarelos para Vivas (aos 40 m.) e Serra (aos 47 m.).

VISTA-SE A SI E À SUA FAMILIA COM

Crédito Gratuito

RAICA

PRONTO A VESTIR — HOMEM E SENHORA

RUA 62 — 101 TEL. 722896 4500 ESPINHO

A. Moreira da Costa

CLÍNICA GERAL

Rua 19, 364 — Tel. 721218

2.º e 6.º feira

Rua 16, 789 — Tel. 722695

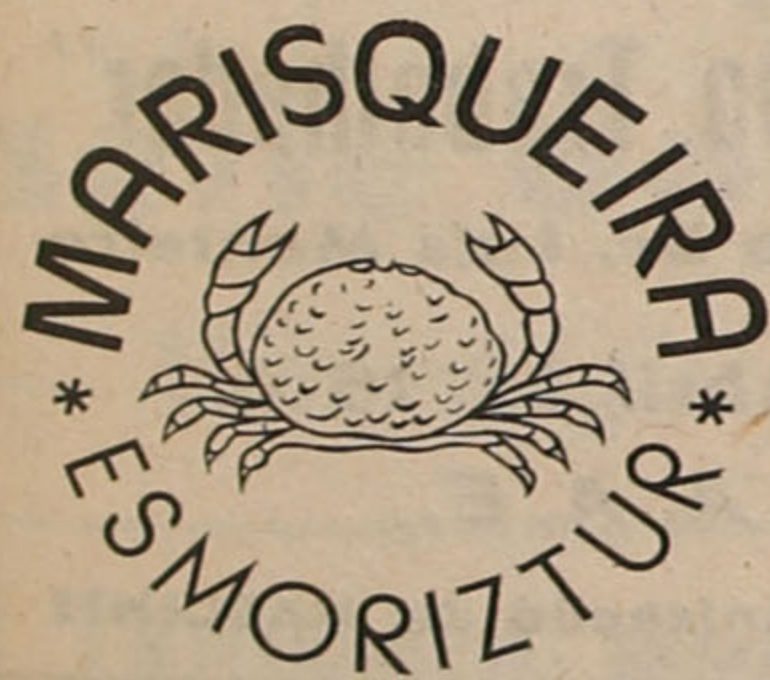
3.º feira

CLÍNICA GERAL

I. Pinheiro de Moraes

RUA 20 N.º 300

TELEF. 720452



RESTAURANTE
SNACK-BAR
MARISQUEIRA
SALÃO DE CHÁ
CAFÉ

SALÃO PARA BANQUETES

CINEMA

Reabre dia 5-5-84

Visite-nos e aprecie o nosso excelente serviço de hotelaria.
Marisco sempre fresco.

Avenida da Praia

ESMORIZ

Telefone 72995



O PADRINHO
ESPINHO

VISTA OS SEUS FILHOS
NA

BOUTIQUE MI

Telef. 724174

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º

Telefone 721014

ESPINHO

Atletismo

LOUROCOOPE ORGANIZOU PROVAS

No passado domingo de Páscoa realizaram-se em Lourosa animadas provas de Atletismo organizadas pela Lourocoope nas quais esteve presente o Clube Académico de Espinho e que tiveram as seguintes classificações:

Infantis Masculinos — 1500 metros — 8.º Jorge Azevedo; 28.º Manuel Oliveira.

Iniciados masculinos — 3000 metros — 6.º Francisco Silva; 18.º Jorge Monteiro; 21.º Joaquim Silva; 27.º Adolfo Oliveira.

Iniciados femininos — 12.º Conceição Amorim.

Seniores Masculinos — 7000 metros — 21.º Joaquim Azevedo.

Veteranos — 3000 metros — 12.º Jaime Amorim.

BOMBEIROS DE ESPINHO

Um trabalho difícil numa terra que é fogo !!!

Não foi fácil passar para o papel uma conversa tipo mesa redonda. Porque foi isso que Maré Viva fez com José Martins, Comandante do Corpo Activo dos BV Espinhenses e Joaquim Rocha e Santos, Comandante do Corpo Activo dos BV de Espinho.

Quisemos assim auscultar opiniões, problemas e factos, com a única intenção de lembrar a importância que estas associações desempenham na vida da comunidade.

A primeira destas corporações a existir foi a dos BV de Espinho, fundada em 1895.

Por razões de vária ordem, que hoje não têm já sentido, uma dissidência de vários dos seus elementos acabaria por dar origem, em 1928 aos BV Espinhenses.

Os tempos agora são outros e a cooperação e colaboração entre os dois corpos activos garantem a Espinho a tranquilidade e a certeza de haver sempre auxílio nas situações de emergência.

Resta saber até que ponto Espinho tem ajudado o serviço dos seus bombeiros voluntários.

Começámos por inquirir os nossos entrevistados sobre a funcionalidade das respectivas instalações:

JRS — Actualmente o nosso quartel é um quartelzinho, já não tem parque suficiente para as viaturas, nem instala-

ções condignas para o pessoal. Há um projecto de ampliação aprovado pela Câmara que se espera brevemente seja apresentado no Serviço Nacional de Bombeiros. Teremos então outras condições, Caserna para o pessoal, oficinas, posto médico, parque de viaturas bastante grande, parada, cabines telefónicas, etc.

MV — Para quando o início das obras?

JRS — Está dependente do subsídio do Serviço Nacional de Bombeiros e do que se possa conseguir também da Câmara Municipal, para se iniciarem as obras logo que o projecto esteja aprovado.

Soubemos ainda que, apesar das obras, o serviço dos Bombeiros Voluntários de Espinho não será afectado. Entretanto, o comandante dos Espinhenses dava-nos conta dos seus problemas com instalações.

JM — Quanto a instalações administrativas não estamos mal. Temos é um projecto que já foi apresentado na Câmara que prevê a demolição do edifício situado nas traseiras o que serviria para instalar as viaturas que a bem dizer estão espalhadas pela cidade! Teriamos então instalações para a cooperativa, um salão-bar para o pessoal, parte de rádios, telefones.

MV — Dispõem de dinheiro para essas obras?

JM — As obras estão orçamentadas em 30 mil contos, mas eu penso que nem 50 mil chegarão. E não sei de onde virá o dinheiro. Segundo me consta, o Serviço Nacional de Bombeiros em 84 não dá subsídios para quartéis.

Uma questão delicada esta da falta de instalações capazes nas duas corporações de bombeiros de Espinho. E que, como frisaram os seus comandantes, limita mesmo a capacidade de acção das respectivas corporações. Ter cada viatura em seu canto e muitas vezes sujeitas a estragos (não se esqueça o efeito corrosivo do ar do mar) não é certeza a solução mais correcta.

VIVER DA CARIDADE NÃO DIGNIFICA OS BOMBEIROS

Praticamente todas as corporações de bombeiros voluntários vivem da caridade. Entenda-se, vivem de verbas que obtêm em peditórios públicos ou de um ou outro subsídio oficial não institucionalizado. Mas toda a gente um dia pode precisar dos seus serviços, não esqueça.

As corporações de Espinho estão na mesma situação: é difícil sobreviver.

MV — Como sobrevivem economicamente as corporações?

JM — Eu não sei como a direcção da Associação consegue fazer face às despesas. As quotas dos associados não dão para pagar ao pessoal permanente. O que ainda nos vai salvando é o serviço de ambulâncias que está a ser mais ou menos bem pago, embora se faça muito serviço gratuito. O serviço de incêndio dá sempre prejuízo. Nós temos um Cofre da Boa-Vontade onde se colocam as gorjetas e do qual já se retirou dinheiro para compras importantes.

JRS — O nosso caso é o mesmo não esquecendo que anualmente há um subsídio da Câmara e a Solverde também têm contribuído, embora os quantitativos sejam pequenos. Para aquisição de material vão-se fazendo peditórios à população que, diga-se, não é muito benévola.

MV — Quanto a esses subsídios que o sr. Comandante dos BV de Espinho mencionou poderíamos ver um pouco melhor a sua importância.

JRS — O caso da Solverde é diferente do da Câmara. A Solverde não tem obrigação de dar subsídio mas tem-no feito e este ano até aumentou a quantia.

JM — Concordo com isso. Eu não posso aceitar é o pequeno subsídio da Câmara porque se tivesse de ter bombeiros municipais teria de gastar muito mais. Paga-nos o seguro pessoal, não nos paga o seguro de viatura.

Pelos vistos, no corrente ano, a Câmara Municipal diminuiu o quantitativo do subsídio. Um as contas rápidas levaram-nos à seguinte conclusão: o subsídio camarário consome-se com os gastos de água, luz e telefone, ou seja, em boa parte regressa à Câmara!

A nossa conversa continuou. Abordamos a questão da localização dos quartéis e eventuais problemas de trânsito. Problema ultrapassado. Hoje, os bombeiros dispõem de outros meios para combater incêndios ou actuar em qualquer outra situação que lhes dispensa aquelas corridas loucas dos velhos tempos, «galgando passeios e atropelando pessoas». Não será portanto mais minuto menos minuto que porá em causa o seu serviço.

ESPINHO É UMA CIDADE COM SEGURANÇA?

Este um assunto que importa esclarecer. Espinho cumpre as regras de segurança?

MV — Existe um sistema de bocas de incêndio em Espinho? Funciona?

JRS — Existe. Funciona, mas é antigo.

JM — As bocas que existem servem para resolver eventuais incêndios na zona de cidade. Quanto à zona industrial, o caso é outro. Não seria muito dispendioso resolver o problema. Ma pensa-se em tudo menos na prevenção de incêndios.

MV — Existem casos particularmente perigosos na zona Industrial?

JM — A CETAP por exemplo. Um incêndio na Cetap é de deitar as mãos à cabeça. Onde vamos buscar água para apagar ali um incêndio? A Eurospuma, na mesma, o Sá Alves, a Luso Celuloide e muitos mais casos. Temos é tido muita sorte. Há poucos incêndios aqui em Espinho.

MV — Esperemos que essa sorte se mantenha. Mas a verdade é que mais vale prevenir que remediar. Os Bombeiros Voluntários são chamados a fiscalizar a segurança da cidade?

continua na página 6

GENTE E MATERIAL

B. V. ESPINHO

Corpo Activo — 62 homens no activo, 16 auxiliares, 14 aspirantes e ainda 35 nadadores-salvadores.

Materiais — 3 carros de fogo, aptos; 3 carros para transporte de pessoal, 2 antigos e 1 moderno; 1 carro de desencarceramento moderno; 4 ambulâncias aptas e uma velha.

B. V. ESPINHENSES

Corpo Activo — 70 homens no activo, 25 auxiliares.

Materiais — 1 pronto-socorro ligeiro; 2 auto-tanques; 1 viatura auxiliar; 1 jipe com gerador e outro para serviço de mato; 1 auto-escada; 3 ambulâncias aptas; 1 extintor de pó químico seco.

Com a demissão do Vice-Presidente das actividades amadoras do SCE, António Canelas, apresentada numa reunião da Direcção do clube realizada na passada 3.ª feira, confirmaram-se os rumores levantados pelo «Maré Viva» na sua edição de 19/4/84.

Segundo conseguimos apurar, estava-se a gerar um certo mau estar dentro do clube com a permanência de António Canelas no seu cargo, chegando mesmo alguns dirigentes a pôr o seu lugar à disposição se o Vice-Presidente das amadoras não se demitisse. E tudo isto, por este ter tecido fortes críticas ao relatório de contas apresentado pela Direcção, o que não foi nada bem aceite pelos seus elementos.

O Fecho

Debates sobre Alimentação e Saúde

"A Alimentação do Desportista e do Trabalhador"

— pelo Dr. Luís Monteiro

Sábado, 28 de Abril às 16 h.

na Sede da A. A. E.

Organização da NASCENTE

maré viva

ESPINHO



Câmara Municipal de
ESPINHO

PORTE
PAGO